

**Língua e Literatura**, (16), 1987/1988, pp. 53-69.

**CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, JORGE DE SENA  
E PRÊMIOS INTERNACIONAIS:  
UMA CORRESPONDÊNCIA PESSOAL\***

Frederick G. Williams

Mil novecentos e oitenta foi um ano importante para a poesia luso-brasileira nos países de língua inglesa, uma vez que os principais poetas contemporâneos dos dois mais antigos países de idioma português – Jorge de Sena de Portugal e Carlos Drummond de Andrade do Brasil tiveram, cada um deles, traduções de suas obras para o inglês.<sup>1</sup>

As semelhanças entre os dois poetas são notáveis. Além de compartilharem a mesma língua, temas poéticos similares e idêntico tom satírico em seus trabalhos, ambos sempre tiveram em alta conta a liberdade de expressão, e cada um deles viveu sempre de acordo com um estrito código de integridade pessoal. Suas personalidades, entretanto, são bastante diferentes. Drummond nunca se afasta de casa. É tímido, modesto e fala suavemente. Ele se considera um homem simples de uma pequena cidade do interior e procura evitar controvérsias. Sena, por outro

(\*) *Tradução do inglês por Lúcia Regina de Sá e Benito Martinez Rodrigues.*

(1) *WILLIAMS, Frederick G. (org.) - The Poetry of Jorge de Sena: A Bilingual Selection*, Santa Barbara, Mudborn Press, 1980.

lado, viajou muito e morou em três continentes. Era, em público, extrovertido (embora em particular tímido e modesto), tinha um modo caloroso e amigável apesar de ser erudito e cosmopolita e estar freqüentemente envolvido em polêmicas. Por um curto espaço de tempo, viveram no mesmo país, onde puderam manter um contato superficial. O relacionamento entre estes dois poetas maiores foi desenhado ao longo de um período de trinta e dois anos (de 1946 a 1978), em meia dúzia de cartas, vários livros dedicados e alguns artigos e poemas. O assunto principal da correspondência entre ambos diz respeito ao reconhecimento literário internacional de autores que escreveram em português, particularmente Carlos Drummond de Andrade.

Entretanto, antes de entrarmos neste assunto, com o propósito de tornar mais clara essa amizade, nós primeiramente resumiremos o significado pessoal que o Brasil e a geração de Carlos Drummond de Andrade tiveram para Jorge de Sena. De uma franqueza meticulosa, Sena deixou em seus vários ensaios e prefácios marcas bem claras da dívida de gratidão que ele tinha para com o Brasil. Dentre outros fatos, Cecília Meireles incluiu o jovem Sena em sua antologia de poetas portugueses <sup>2</sup> e Ribeiro Couto foi diretamente responsável pela publicação de seu segundo volume de poesia <sup>3</sup>. Anos mais tarde, o Brasil tornou-se um abrigo para ele, bem como para outros poetas, intelectuais e políticos portugueses exilados durante o regime de Salazar. Entretanto, mais do que um lar, o Brasil ofereceu-lhe as oportunidades literárias que buscava. Ali, com enorme sacrifício pessoal e extrema dedicação, o poeta alcançou os graus de doutor e livre-docente em 1964. Obteve um cargo universitário e, mais importante, recebeu apoio financeiro para prosseguir em suas pesquisas <sup>4</sup>.

- (2) MEIRELES, Cecília (org.) - *Poetas Novos de Portugal*, Rio, Dois Mundos, 1944.
- (3) O segundo livro de poesias de Sena é *Coroa da Terra* (Porto, Lello e Irmão, 1946). No prefácio à segunda edição de *Coroa da Terra*, Sena revela as razões por que dedicou o livro a Ribeiro Couto. Primeiro, como o mais alto representante diplomático do Brasil, Couto influenciara na eliminação ou amenização das represálias contra alguns dos opositores de Salazar durante a guerra (como um deles, Sena fora posto na lista de pessoas a serem deportadas para Cabo Verde). Em segundo lugar, porque o magnetismo pessoal de Couto e sua reputação literária fizeram com que a editora Lello e Irmão, muito conceituada, mas de acordo com Sena, muito tradicionalista, concordasse em publicar o desconhecido poeta.
- (4) Veja especialmente as observações feitas na dedicatória a Antonio Candido em *Uma Canção de Camões*, Lisboa, Portugália, 1966, p.p. 1 e 2, e a dedicatória para os *Sonetos de Camões e o Soneto Quinhentista Peninsular*, Lisboa, Portugália, 1969, p.p. ii-iii.

O Brasil ainda lhe deu a oportunidade de desafiar abertamente Salazar através de editoriais e artigos políticos publicados no *Portugal Democrático*, jornal político português sediado em São Paulo.

Sena foi para o Brasil em 1959 no auge de seus quarenta anos e cheio de prazer pela vida. Entregou-se ao trabalho e em menos de cinco anos produziu seus mais importantes estudos de crítica literária, a maior parte de sua literatura em prosa (que abrange contos, novelas e romances), bem como seus monumentais trabalhos sobre Camões. Foi uma fase estonteante, cuja colossal criatividade está refletida na poesia que escreveu. Embora extremamente sobrecarregado por sua pesquisa acadêmica, suas aulas na Universidade de São Paulo, o sustento de uma família numerosa, ao mesmo tempo em que elaborava sua tese de doutorado e se dedicava à sua poesia e prosa, Sena ainda encontrava tempo para manter contatos pessoais com figuras literárias do Brasil. Verifiquei o acervo brasileiro de sua biblioteca e posso relatar que ele recebeu livros autografados de todos os maiores nomes da época: sete de Ribeiro Couto, oito de Murilo Mendes, dez de Manuel Bandeira e doze de Carlos Drummond de Andrade, com vários livros de outros expoentes como Cecília Meireles, Cassiano Ricardo, Raul Bopp, Marques Rebelo, Jorge Amado, Érico Veríssimo e Graciliano Ramos <sup>5</sup>

No entanto, muito tempo antes de ir para o Brasil, Sena tinha se avistado com alguns escritores em Portugal e Inglaterra e trocado correspondência com outros. Mais do que isso, ele tinha escrito sobre autores e livros brasileiros para a imprensa portuguesa, tentando colocar os leitores de seu país em contato com aquela literatura. Nesta qualidade, escreveu sobre Drummond três vezes em 1946: uma nota e dois artigos críticos publicados no recém criado semanário lisbonense *Mundo Literário*. O primeiro, intitulado “Uma arte poética”, explora o credo artístico do

- (5) Sena adorava livros e possuía uma imensa biblioteca particular, onde os volumes literalmente transbordavam das prateleiras que iam do chão ao teto de todas as paredes em praticamente todos os cômodos de sua casa espaçosa. A coleção foi estimada em mais de 12.000 volumes. É uma biblioteca de trabalho e não uma coleção de obras raras ou manuscritos. As áreas incluídas se dividem em quatro grupos de línguas principais: português, inglês, francês e espanhol. As literaturas mais representadas são a portuguesa, brasileira, inglesa, americana, francesa, espanhola e hispano-americana, incluindo tanto trabalhos de literatura (cobrindo os clássicos, a era medieval, a renascença e os modernos) quanto de crítica. Artes e música são também fortemente representadas na coleção. Como um especialista em Camões e no período maneirista, e um dos críticos mais representativos de Fernando Pessoa, a biblioteca tem extensas sessões nestas áreas.

poeta presente no poema “Procura da Poesia”<sup>6</sup> O segundo, tendo por título apenas “Carlos Drummond de Andrade”, é uma nota bio-bibliográfica que tenta definir o estilo do poeta<sup>7</sup> O terceiro é uma crítica do quinto livro de poesias de Drummond, *A Rosa do Povo*. Neste artigo, Sena escreve:

“Em presença de um poeta como Carlos Drummond, a atitude de um crítico, que não seja poeta só nas horas vagas, é de contínua e sobressaltada admiração. Que a admiração, de poeta para poeta, não se suspende apenas das perfeições, mas das imperfeições paradoxais e imprevistas. Tudo menos o seu tão pessoal sentimento do mundo é imprevisível na poesia de Drummond”<sup>8</sup>.

Até então é provável que Drummond nada tivesse lido da poesia de Jorge de Sena. Embora o seu primeiro livro, *Perseguição*, tivesse sido publicado em 1942, não tinha alcançado grande repercussão mesmo em Portugal, e com as restrições que a Segunda Grande Guerra impôs à circulação de livros para o estrangeiro, é duvidoso que Drummond o conhecesse. De qualquer modo, o primeiro livro autografado que Sena recebeu de Carlos Drummond de Andrade não faz referência ao fato de ele ser poeta nem dá qualquer sugestão de quais seriam as suas impressões a respeito do jovem escritor português. Era o livro *Poesia Até Agora*, de 1948; a dedicatória é simples:

A Jorge de Sena,  
a admiração, a simpatia  
e o abraço de  
Carlos Drummond de Andrade  
Rio de Janeiro, jan. 1948  
Rua Joaquim Nabuco, 81

Essas amáveis palavras contrastam vivamente com a carta entusiasmada que Drummond escreveu a Sena após receber *Coroa da Terra*, 1946, o segundo livro do escritor português:

(6) “Uma Arte Poética”, *Mundo Literário* nº 3 (1946), p. 7.

(7) *Mundo Literário* nº 3(1946), p. 13.

(8) *Mundo Literário* nº 4 (1946), p.p. 9-10.

Rio de Janeiro, 4 julho 1949

Meu caro poeta Jorge de Sena:

Venho agradecer-lhe a grande poesia de “Coroa da Terra” de uma altura e de uma profundidade que me causam uma sensação de vertigem. Seria difícil extrair mais essência poética das coisas deste nosso mundo incoerente. Sua poesia é participação e superação da vida. Eu sinto nela uma sabedoria dramática, de raízes dolorosas, mas atingindo à mais pura e concentrada beleza.

Toda a admiração e fiel estima de  
Carlos Drummond de Andrade <sup>9</sup>

Quatro outros livros com dedicatórias seriam enviados por Drummond antes dos dois poetas virem a se conhecer. Em retribuição ao terceiro livro de Sena, *Pedra Filosofal*, 1950, Drummond enviou-lhe *Claro Enigma*, com os seguintes versos:

A Jorge de Sena  
Caro e grande poeta, em  
retribuição a sua  
belíssima “Pedra Filosofal”,  
com um abraço amigo de  
Carlos Drummond de Andrade  
Rio, janeiro 1952.

Mais dois livros foram mandados naquele mesmo ano, *Contos de Aprendiz*, 1951, e *Viola de Bolso*, 1952\*\*. No último, Drummond acusa o recebimento do drama em versos *O Indesejado*:

Caro Jorge de Sena:  
Aqui estou para agradecer-lhe  
“O Indesejado”. É um grande,  
fascinante momento de sua arte.  
Toda a admiração e afeto do  
seu  
Carlos Drummond de Andrade  
Rio, 15-3-52.

(9) A correspondência entre Carlos Drummond de Andrade e Jorge de Sena é de propriedade de sua viúva, Mécia de Sena, e é citada com permissão dela e de Carlos Drummond de Andrade. A ortografia original foi mantida.

Em dezembro de 1954, Drummond enviou seu mais recente livro, *Fazendeiro do Ar e Poesia até agora*, 1955, com a quadra:

Deste fazendeiro  
(não da terra, do ar)  
o humilde celeiro  
se vai dedicar  
ao caro e grande poeta Jorge  
de Sena, com um abraço do  
Carlos Drummond de Andrade  
Rio, dezembro 1954.

Como costumava fazer quando alguém lhe escrevia em verso, Sena imediatamente respondeu da mesma forma <sup>10</sup>. Não tendo tido acesso aos documentos de Drummond, não posso dizer se a quadra lhe foi enviada naquela época, mas apareceu publicada postumamente em *40 Anos de Servidão*, 1979. Provavelmente escrita tão logo recebeu o livro (um ou dois meses era o tempo normal para a correspondência do Brasil chegar a Portugal de navio), era esta a quadra:

Drummond, fazendeiro  
do ar, mas bem sentes  
que as dores da poesia  
são evidentes.  
8 fev. 55. <sup>11</sup>

Ela não apenas faz referência ao livro de Drummond *Fazendeiro do Ar*, mas ao seu próprio trabalho *As Evidências*, publicado no mesmo ano. Os versos finais do último poema da seqüência de vinte e um sonetos desse livro contêm uma idéia similar:

(10) Em relação a essa prática, ver: COELHO, Joaquim Francisco – “Sobre uma correspondência em verso com Jorge de Sena”, em SHARRER, Harvey L. e WILLIAMS, Frederick G. (orgs.) – *Studies on Jorge de Sena: Proceedings of the Colloquium in Memory of Jorge de Sena*, University of California, Santa Barbara, Abril 6-7, 1979.

(11) SENA, Jorge de – *40 Anos de Servidão*, Lisboa, Moraes Editores, 1979, p. 77.

Por nós, por ti, por mim,  
falou a dor.  
E a dor é evidente—  
libertada  
16/4/54 <sup>1 2</sup>

Até então os poetas ainda não tinham se encontrado. Mas em agosto de 1959 Jorge de Sena deixa Portugal para viver no Brasil. Embora viesse a residir em Araraquara, no interior de São Paulo, e Drummond continuasse a morar no Rio de Janeiro, os dois se encontraram ocasionalmente. Uma referência a isso é feita por Drummond nos pequenos versos que ele escreveu em *50 Poemas escolhidos pelo autor*, 1958:

A meu querido e grande  
Jorge de Sena (sic),  
com a alegria do seu conhecimento  
pessoal, o  
Carlos Drummond  
Rio, 25 VIII 59.

Três outros livros de Drummond foram enviados a Sena enquanto este vivia no Brasil. *Poemas*, 1959, com uma dedicatória que faz referência à poesia “sensível” do poeta português; *Lição das Coisas*, 1962 e *Antologia Poética*, 1965. Este último foi dedicado com uma calorosa expressão de agradecimento pelos vários livros recebidos ao longo dos anos. Um tributo apropriado para um amigo de partida: em questão de semanas, Sena iria para os Estados Unidos:

Meu caro Jorge de Sena:  
Esta é uma bem mofina (e atrasada) retribuição ao muito que você me tem dado em poesia, em ensaio literário, em crítica, em conto, em tudo que é inteligência e imaginação criadoras, e que é lida e guardada com o máximo interesse por este mal-agradecido mas afetuoso amigo, que o abraça fraternalmente.

Carlos Drummond de Andrade  
Rio, maio 1965

(12) SENA, Jorge de. - *As Evidências*, Lisboa, Centro Bibliográfico, 1955, p. 39.

Os dois voltaram a se corresponder em 1972, enquanto Sena vivia em Santa Bárbara e lecionava na Universidade da Califórnia. Em 20 de maio de 1972, o amigo surpreende Drummond com uma carta de duas páginas que se inicia com uma observação a respeito do tempo decorrido desde o último contato:

Meu caro Carlos Drummond de Andrade,  
Não temos nestes anos tido qualquer contacto, sobretudo desde que saí do Brasil vai já para sete anos. Mas, evidentemente, que sempre segui a sua obra (desde que uma primeira vez, há quase trinta anos, escrevi a seu respeito), por a sua poesia ser o que é e me interessar duplamente, como poeta e como crítico, e por ela necessariamente fazer parte, aqui na América, de cursos meus sobre a Literatura Brasileira ou a poesia em especial.

Daí ele passa à principal razão de sua carta: ter sido nomeado para o júri internacional que deveria escolher o próximo ganhador do importante prêmio internacional Newstadt para literatura, patrocinado por Books Abroad (atualmente World Literature Today). O primeiro vencedor fora Giuseppe Ungaretti (1970) e Sena desejava indicar Drummond para o daquele ano. Sabedor de que o amigo se esquivava de prêmios e conferências, Sena apela ao seu senso de responsabilidade para com a língua portuguesa:

Era e é uma primeira ocasião única de conquistar-se para a língua portuguesa um grande prêmio internacional (criado para desafiar o Nobel que a ela nunca foi atribuído e que pode a ela abrir-se ulteriormente por efeito desta retumbância), que eu não podia nem devia, em consciência, deixar que se perdesse.

Em seguida destaca o valor intrínseco do trabalho do escritor, que ele sente estar acima de outros autores portugueses e brasileiros, muito embora alguns deles pudessem ser mais conhecidos e tivessem maior apoio:

E é óbvio, pelo menos para mim, que ninguém está, em português, em mais altas condições que V... e eu tenciono publicar, em Portugal e no Brasil, a tradução portuguesa da minha proposta, para que conste...  
...Sei bem— e V. como eu — que há no Brasil e em Portugal parti-



dos “nobélicos” que vão ficar numa fúria de ranger os dentes, já que tanto se tem agitado por esse mundo fora para o efeito. Mas a justiça e a prioridade da grandeza autêntica devem ser respeitadas. É possível mesmo que um nome ou dois, por mais difundidos, tivessem mais chances do que as suas podem ser – mas não seria eu a propô-los, antes de ser proposto V.. Pelo menos, na proposta, procurei amarrar o caso por todos os lados diplomáticos possíveis, tanto quanto fui capaz de fazer, para que as suas chances sejam irresponsáveis – e para que seja uma injustiça, para a língua portuguesa e para a poesia, que V. não ganhe o prêmio, como farei tudo para que ganhe.

Sena, antecipando a relutância de Drummond em viajar para qualquer lugar, tenta tranquilizá-lo, prometendo estar junto dele todo o tempo: “Se vencer, eu espero que você aceite tão relevante prêmio e mais tarde venha até aqui recebê-lo (Estarei esperando por você no exato lugar onde desembarcar na América do Norte, a fim de lhe servir como intérprete)” \*

A carta pegou Drummond de surpresa. Sua resposta, em 29 de maio de 1972, tinha três páginas: “Eu ainda não me recompus do susto-surpresa que sua carta recebida três dias atrás me causou. Como eu poderia imaginar que subitamente seria indicado para o prêmio literário internacional de Books Abroad?”\* Bastante tocado pelo gesto do amigo, ele agradece calorosamente: “Para mim o que você fez vale muito mais do que a futura decisão do júri, mesmo que esta seja favorável” \* Drummond é forçado a reconhecer a profundidade dos argumentos de Sena em favor de um autor de língua portuguesa para o prêmio:

Sua justificação da conveniência de outorgar-se o prêmio a um autor de língua portuguesa é perfeita. Você alinou dados e argumentos que me parecem indiscutíveis. É uma tristeza e uma vergonha que as grandes distinções internacionais não se lembrem nunca de nós, portugueses e brasileiros. Quando não alcance êxito no caso presente, o memorial de você terá servido para alertar as organizações culturais européias e americanas, através do júri de Books Abroad. Já agora, não poderão deixar-nos sistematicamente na sombra, sob a alegação de que nunca ninguém reclamou.

Em seguida, o poeta brasileiro demonstra sua inclinação a aceitar a proposição de sua candidatura, e explica que ele relutara no passado em aceitar prêmios apenas porque eles não eram sérios:

... Cheguei a ganhar fama de contemptor de prêmios, quando a verdade é que desejo apenas que eles sejam limpos, e dêem satisfação normal, e não enjôo, ao premiado.

O de Books Abroad não tem para mim nenhuma dessas baldas. Além do mais, a proposta, vindo de quem vem, sendo você o escritor independente que é, e, ainda, brasileiro apenas pela extensão do sentimento, me dá uma alegria pura. Se o prêmio não vier, tanto faz. O importante é ter sido lembrado para ele e por você, e da maneira como se efetivou a lembrança.

No entanto, exatamente como Sena temia, Drummond não viajaria para receber o prêmio, caso este lhe fosse outorgado:

Quanto a ir aos Estados Unidos, na hipótese de... você talvez já saiba que eu sou o antiviajante nato e irremediável. Não por medo de avião, que também sinto, embora já me tenha enfurnado nele algumas vezes, por necessidade. Mas porque realmente me falta o ânimo itinerante, a capacidade de deslocar-me para longe de dois ou três lugares urbanos em que situei minha vida. A idade não tem feito mais que (sic) que agravar essa inapetência. É a “ameaça” de enfrentar auditórios, cerimônias, repórteres, me horroriza. Não, meu caro Jorge, eu não conto comigo para essa idéia de viagem a Oklahoma. Sou o que sou: um bicho de Itabirado-Mato-Dentro que não conseguiu acostumar-se ao trânsito por outros sítios menos cobertos de mato...

Com a franqueza de sempre, Drummond termina dizendo que tinha anteriormente sido convidado a fazer parte do júri, mas recusara. Ele esperava que isso não fosse interpretado como um truque de sua parte: “declinar do júri para tornar-me um candidato, algo em que nem eu nem você nos envolveríamos, naturalmente”.\*

Tão logo Sena recebeu a carta, disparou uma resposta de quatro páginas datada de 4 de julho de 1972:

Antes de mais, fico extremamente contente pela sua decisão de aceitar o prêmio de Books Abroad caso ele venha, como desejo, a ser-lhe concedido (apesar da conspiraçãozinha européia, em

favor de um hispano-americano, que me parece cheirar nas entrelinhas das propostas várias e com alguma conivência americana).

A referência a uma espécie de conspiraçãozinha em favor de um hispano-americano provou-se profética. A seguir, Sena põe-se ao trabalho com Drummond, advertindo-o que nem sequer pensasse em não vir caso o prêmio lhe fosse dado. Apresenta uma saraivada de argumentos, com o costumeiro humor tingido de sarcasmo:

Pelo telefone, há tempos, comentando da candidatura que eu apresentara, o Ivask disse-me que V. havia sido convidado para o júri e recusara, alegando falta de saúde, e temia que, caso ganhasse, V não viesse para receber o prêmio... Em carta, amplificando o que ao telefone lhe respondera, expliquei que V. era um homem muito tímido, sem gosto pelas viagens, etc., etc.,... De tudo isto resulta que, para bem da pátria e mais partes, V. de público, em conversa de amigos, em cartas para o Ivask se as tiver de escrever, etc., me fará, e a si mesmo e à língua portuguesa e ao Brasil, o favor de inverter o sentido do “fico” do Senhor D. Pedro cuja alma Deus tenha em descanso, ... e não indicar, nem de leve, que não virá receber o prêmio, se o conquistar.

Continua depois a bater na mesma tecla:

Mas, voltando à questão das viagens – deixe-se disso, meu caro poeta. Tenha como grande mito da sua poesia e da sua personalidade o bicho de Itabira... Mas nada disso impede que, uma vez na vida, o mato e o bicho, metafóricos e eminentes, viajem a colher louros honrados (e 10.000 dólares, homem)... De resto, não pense que, neste país, os jornais, a rádio e a televisão se deslocarão sequiosos e incandescentes, a Norman... Essas coisas, para lá de um par de jornalistas presentes, têm aqui um caráter muito restrito que, se bem que ressoe nos meios intelectuais, não têm praticamente qualquer ressonância pública... O que os jornais e o mais noticiarem será feito pelas próprias notícias circuladas por Books Abroad (aqui, meu caro, quem não se noticia, não é noticiado, a menos que haja roubado avião à ponta de fusil, ou violado uma viúva respeitável... – o que não será manifestamente o seu caso).

### E então o argumento decisivo:

De modo que vá, apesar de tudo, acomodando o seu espírito para a efeméride que os seus biógrafos registrarão (e mais sublinhará o bicho de Itabira – “só uma vez o poeta fez uma longa viagem, para receber nos Estados Unidos o Prêmio Internacional de *Books Abroad* ele que sempre recusou todos os outros prêmios e mais veneras”). Quando um anti-viajante nato e irremediável viaja isso é um acontecimento para a eternidade).

Quanto à possibilidade de alguém supor que tivesse havido algum acordo entre os dois, Sena exclama: “Eles não nos conhecem” \* Por fim, passa diretamente a outra questão: não apenas ele era um brasileiro de coração, como Drummond dissera, mas também por naturalização. Sena tinha requisitado cidadania brasileira em 1962 e a obtivera: “uma nacionalidade que ainda mantenho”, ele diz, um fato “que no Brasil nunca foi muito divulgado, já que não se acreditava muito em naturalização de portugueses, com exceção do padeiro da esquina” \* Sena então explica: “É por isso que eu sempre me apresento como um escritor português, um cidadão brasileiro e um catedrático norte-americano” \*

O júri que deveria decidir o ganhador do prêmio não se reuniria por várias semanas. Enquanto isso, atendendo ao pedido de Sena, Drummond lhe enviou outros de seus livros: *Obra Completa*, a segunda edição de 1967, com uma dedicatória que fazia referência ao fato de eles serem compatriotas embora separados pelo oceano Atlântico.

Ao caro Jorge de Sena  
Com o abraço amigo  
do seu compatriota  
do lado de cá do Atlân-  
tico (mas não importam  
as margens)

Carlos Drummond

Havia também um p.s.:

A letra ruim é criada  
de caduquice, mas é  
uma pena estragá-la. CD  
Rio, junho 1972

Em outra dedicatória, Drummond agradece o despreendimento do amigo em tornar outros escritores adequadamente reconhecidos:

A Jorge de Sena  
poeta que se preocupa em  
laurear outros poetas  
o abraço admirado e  
afetuoso de  
Carlos Drummond de Andrade  
Rio de Janeiro, junho 1972

Sena assinala o recebimento dos livros em carta datada de 24 de junho de 1972. Ele conta a Drummond o seu plano de procurar outros membros do júri enquanto estivesse na Europa:

Em Atenas, espero encontrar-me com um membro do júri e o mesmo penso poder fazer, mais tarde, ao regressar pela Europa, em Paris e na Bélgica, com mais dois, um checo e outro belga. Os outros estão todos por lugares por onde não passo, ou a veranejar-se algures pelos Mediterrâneos e Algarves, em estado de incógnitos ou de perdidos na multidão estival. Os encontros dar-me-ão, pelo menos, uma idéia do que andaré por trás das cortinas, sé é que anda alguma coisa.

Passa então a uma longa exposição de algumas pesquisas genealógicas que fizera na Europa dedicadas em parte à família de Drummond. Entre outros dados, descobriu que um ancestral do poeta brasileiro pode ter sido um filho ilegítimo de Shakespeare.

Quando o prêmio internacional Neustadt para literatura foi anunciado mais tarde naquele ano, o ganhador não foi Carlos Drummond de Andrade, e sim, como Sena desconfiara, um destacado hispano-americano: Gabriel Garcia Marquez. Obviamente desapontado, Sena dá vazão a seus sentimentos compondo um poema intitulado “A Drummond quando fizer 70 Anos” Com data de 20 de outubro de 1972, é uma perfeita conclusão para o episódio do prêmio literário. O poema de vinte e sete versos, publicado postumamente em *40 Anos de Servidão* é dividido em quatro estrofes de versos brancos. Sena fala daqueles que receberam o reconhecimento internacional que não veio para Drummond, e lastima o

fato de haver mais nações de língua espanhola (e portanto mais votos) do que portuguesa. Ele enfoca cada um dos nomes do poeta e termina com uma estrofe composta com os títulos dos livros de Drummond:

#### A DRUMMOND QUANDO FIZER SETENTA ANOS

Mistral (Gabriela) Asturias (Miguel Ângelo)  
e o Pablo de Neruda Chile a ti coisa nenhuma  
Os Castros de Ferreira mais Amados Jorges  
partilham prêmios do Lácio de Paris a ti coisa nenhuma  
E todos acabam acadêmicos e tu não vais pedir  
os votos acadêmicos – a ti coisa nenhuma

Escreves em português e o Brasil é um só as bananas  
das repúblicas hispânicas são muitas, à  
esquerda e à direita. Não és embaixador  
não foste nunca embaixador senão lá de Itabira  
Andrade isso és mas não és de São Paulo  
cubista ou folclorista Pelo Rio  
passaste sempre esguio entre as mulheres  
os literatos e os arranha céus silente e pisco

O maior, todos concordam. Mas em crônica  
como em poesia tens cultura a mais  
poesia a mais humanidade a mais  
e dignidade a mais – a ti coisa nenhuma  
Carlos (Magno) Drummond (of Hawthernden quiçá  
filho bastardo de suspeito Shakespeare)  
de (partícula que irrita os bibliotecários norte-americanos)

Andrade – aos setenta anos como sempre  
fazendeiro do ar no brejo das almas,  
fabricando claros enigmas de alguma poesia,  
encomendando às amendoeiras que falem por ti  
a rosa do povo, o sentimento do mundo  
e a vida (a tua e a dos outros) passada a limpo. <sup>13</sup>  
30/10/72

- (13) A viúva de Jorge, Mécia de Sena, enviou este poema a Drummond antes de sua publicação. Sua resposta veio em 11 de outubro de 1978, onde num trecho se lê:

Fico lhe profundamente agradecido pela boa lembrança de mandar-me o poema inédito de Jorge. Lendo-o foi como se eu tivesse a meu lado o seu marido com a sua espontânea e combativa generosidade de sempre. Com que saudade o recorde e lamento não me ter beneficiado mais de sua presença no Brasil. O Jorge era desses raros exemplares de escritor, que dizem o que pensam e sentem num mundo de opiniões falsificadas. Ter recebido o seu apreço e a sua amizade é alguma coisa que valoriza minha vida. Esses versos são preciosos para mim.

A próxima notícia de Drummond será em 1974, na forma de uma dedicatória na guarda de *As Impurezas do Branco*. Junto com o costumeiro sentimento de gratidão para com o poeta, assinala ter recebido *Trinta Anos de Poesia*, mas não há menção ao prêmio internacional Neustadt. Sena, no entanto, não havia desistido de obter para Drummond o merecido reconhecimento. Com Carlo Vittorio Cattaneo e Luciana Stagagno Picchio, esteve ativamente engajado na divulgação de seu amigo brasileiro na Itália. No entanto, ironicamente, o prêmio internacional de poesia Etna Taormina foi ganho por outro poeta brasileiro, Murilo Mendes, e ainda mais tarde pelo próprio Jorge de Sena. Para Drummond os prêmios internacionais continuavam ariscos (e ainda continuam).

Quando Sena ouviu falar da proposta de convidar Drummond para membro honorário da Modern Language Association of America, e de que o poeta não tinha respondido, ele imediatamente escreveu ao amigo explicando-lhe a honra associada à nomeação e instando-o a aceitar, dando ênfase à importância que tal reconhecimento poderia ter para a língua portuguesa e suas literaturas (carta datada de 2 de fevereiro de 1975):

Não há substancialmente diferença entre aceitar-se aquele prêmio de *Books Abroad* que infelizmente não consegui que fosse seu, e o título de “membro honorário da MLA” a não ser que esta honra é um pouco menor do que aquela teria sido. Mas é de certa importância que seja atribuída, na medida em que representa algum reconhecimento, que tanto nos falta, da língua portuguesa no mundo universitário que é precisamente aquele (não tenhamos ilusões) aonde a literatura pode ter alguma repercussão sendo estrangeira. Não tenho a pretensão de influir na sua decisão se lhe escrevo, é por parecer-me que V. não sabe o que a MLA simplesmente é.

Drummond responde em carta de 13 de fevereiro de 1975. Sena o tinha interpretado corretamente, e ele admite que os argumentos em favor de aceitar a nomeação são convincentes:

Pouco importa, ainda que desta vez o alvo seja bem mais simples.

O mais importante no caso, para mim, é a reiteração de sua simpatia por este botocudo das selvas de Itabira a quem você procura colocar em posição bem visível perante os meios cultu-

rais além-fronteira. Como isto não é comum nos costumes literários vigentes, a grata emoção que me desperta viria entremeada de espanto se não se tratasse de você, de sua infatigável capacidade de ocupar-se e preocupar-se com o próximo individualmente, e com a projeção das letras em nossa língua, a que, com benevolência de amigo, quer associar o episódio da minha escolha para a Modern Language Association of America.

Após explicar as razões de não ter respondido a MLA – não ser ligado a nenhuma universidade, o reconhecimento de suas próprias limitações artísticas e outras variadas esquivas de um homem tímido e modesto, Drummond aceita a nomeação: “Que diabos! É mais fácil concordar do que recusar. Eu aceito. Vou escrever para Judith Coppy ainda hoje para formalizar minha aquiescência e agradecer à Associação” \* Drummond encerra sua carta – a última que Sena receberá dele – manifestando a esperança no bom termo das transformações políticas por que passava Portugal, e no futuro do Brasil:

Tenho pensado muito em você, sabe? e, com saudade, do nosso Casais [Monteiro], ao ler as notícias agitadas de Portugal. Sei que a liberdade não se conquista sem choques, decepções e revisões de comportamento, num processo complicado e às vezes aparentemente contraditório. Mas gostaria tanto que o processo não se eternizasse. Como quer que seja, somos aqui uns tantos a desejar o melhor para o povo de lá, na esperança de também conseguirmos por aqui uma situação digna e aberta. Esperemos.

A relação entre Carlos Drummond de Andrade e Jorge de Sena não se baseou em proximidade geográfica, laços de sangue ou amizade de infância. Eles nunca estiveram fisicamente juntos por mais do que algumas horas. Ainda assim, compartilharam respeito mútuo não apenas pelo grande talento que cada um possuía mas por aquilo que representavam: independência de pensamento, aversão à mediocridade, falsidade e presunção; e veemente apego à verdade, honestidade e integridade. Eles não foram separados por mesquinhas rivalidades nacionais, mas buscavam o reconhecimento da língua e cultura que lhes eram comuns, e acima de tudo, do genuíno talento literário em si.

Além de nos fornecer traços de suas personalidades, a correspondência levanta uma questão importante: qual a relação da língua



natural do escritor, seu talento e divulgação na disputa de prêmios internacionais? A falta generalizada de reconhecimento para autores de língua portuguesa é uma omissão que se torna cada dia mais difícil de justificar, dado o número de escritores talentosos que escreveram nesse idioma.

Jorge de Sena morreu em 4 de junho de 1978, portanto, Carlos Drummond de Andrade necessariamente teve a última palavra. Quatro dias após o falecimento do amigo, ele publicou um artigo no *Jornal do Brasil*: “Jorge de Sena, também brasileiro”:

Morreu um dos raros portugueses universais de nosso tempo – disse em Lisboa o poeta Eugênio de Andrade ao comentar o falecimento de Jorge de Sena em hospital de Santa Barbara na Califórnia. E disse bem, mas poderia chamar-lhe igualmente um dos raros brasileiros universais de nosso tempo.

Cita então trechos da carta de Sena mencionando sua cidadania brasileira, e falando em termos apaixonados do amigo-poeta de longa data, lamenta que o Brasil, como Portugal anteriormente, não tenha realmente conhecido Jorge de Sena, muito menos reconhecido seu grande valor enquanto ele lá viveu. Termina com uma não disfarçada referência à constante preocupação de Sena em projetá-lo, bem como a outros autores que escreveram em língua portuguesa, no cenário internacional:

Não soubemos conservá-lo conosco nem sequer chegamos a conhecê-lo na plenitude de seu espírito. Foi um professor que passou pelo Brasil, de 1959 a 1965. Mas que sonhou em dar ao Brasil, através da língua portuguesa, uma situação de prestígio na literatura mundial. Se não o conseguiu, não foi por omissão. Merece a nossa lembrança, embora tardia.

#### NOTA DOS TRADUTORES

- (\*) As citações dos trechos assinalados não se baseiam nos originais dos autores, aos quais infelizmente não tivemos acesso, mas são traduções da versão inglesa das citações feitas por Frederick G. Williams.
- (\*\*) No original consta 1959, claramente um erro tipográfico.